

METAFÍSICA PARA ALÉM DO NIILISMO: A proposta de Vittorio Possenti

Juliano de Almeida Oliveira¹

RESUMO

O presente artigo quer ser uma primeira aproximação ao pensamento de Vittorio Possenti, filósofo italiano, que propõe uma continuidade da *Filosofia do ser* para além do horizonte do niilismo contemporâneo, o que se configura como a "terceira navegação", depois da "segunda navegação" iniciada por Platão. O niilismo europeu quis "libertar" o ocidente da Metafísica, tida como aniquilada pelo criticismo kantiano. Na realidade, a tarefa da Filosofia hoje, segundo o autor, seria preparar uma retomada da Metafísica, de modo que ela possa ter novamente o lugar de destaque que lhe cabe na história da civilização ocidental.

Palavras-chave: Filosofia do Ser. Niilismo. Vittorio Possenti.

ABSTRACT

This paper tries to be a first approximation to the thought of Vittorio Possenti, Italian philosopher, who proposed a *Philosophy of being* continued beyond the horizon of contemporary nihilism, which is configured as the "third navigation", after the "second navigation", initiated by Plato. The European nihilism wanted to "liberate" West of Metaphysics, regarded as annihilated by the Kantian criticism. In reality, the task of Philosophy today, according to the Author, would prepare a revival of Metaphysics, so that it may have again the prominence it deserves in the history of Western civilization.

Key words: Philosophy of Being. Nihilism. Vittorio Possenti.

Introdução

Niilismo: a perda do sentido, a relativização dos valores – este parece ser o horizonte em que se move o atual momento histórico-cultural da civilização ocidental. Numa tal perspectiva, perde totalmente a plausibilidade e a importância uma investigação acerca dos fundamentos da realidade, o que é típico da reflexão metafísica. Donde se pode concluir que passou definitivamente a fase em que a Filosofia indagava pela *arché pantón*, sendo agora destinada a se contentar com um pensamento fraco que sirva de consolo ao homem condenado a viver sem sentido num mundo igualmente sem sentido.

Diante de um diagnóstico tão desanimador, seria minimamente aceitável apresentar a questão sobre um possível lugar da metafísica no *corpus philosophicum* do futuro? Haveria mesmo um futuro para a Filosofia? Ou ainda: haveria um futuro para a humanidade deixada à mercê do nada?

¹ Mestre e Doutorando em Filosofia pela PUC-SP. Professor da Faculdade Católica de Pouso Alegre.

Vittorio Possenti, filósofo italiano e professor da Universidade de Veneza, ousa reivindicar um lugar para a metafísica, para o sentido e para o ser, de modo a ultrapassar o tenebroso panorama niilista do mundo contemporâneo.

O presente trabalho pretende apresentar em grandes linhas o pensamento de Possenti na avaliação da conjuntura cultural dos tempos atuais, bem como na apresentação de sua proposta da pertinência de uma filosofia do ser, que restitua ao homem o respiro do pensamento para além da asfixia niilista da razão.

1. Niilismo contemporâneo: morte da Metafísica?

Não é de hoje que se tem formulado interrogações sobre o nada, sobre a relação entre nada e ser. Expressão disso é a pergunta de Leibniz, retomada em diferentes matizes por Schelling, Bergson e Heidegger: “Por que existe alguma coisa ao invés do nada?”. Não é a isso que se dirige o olhar quando ora se fala de niilismo, ainda que haja uma relação ao menos lexical entre ambos. O niilismo é um fenômeno cultural que tem alcançado difusão e radicalização a partir do último século. Nas palavras de Possenti, o niilismo

(...) faz parte da autoconsciência do nosso tempo, toca em profundidade a vida, o costume, a ação, inquieta e acende os ânimos. Muitos são os conceitos que vêm acoplados à idéia de niilismo: a crise dos valores e a desvalorização daqueles mais elevados, o relativismo intelectual e moral, a dissolução da idéia mesma de verdade, um pessimismo crepuscular orientado ao declínio, um sentido desesperado da finitude, ligado ao fim da concepção progressiva e ascendente da história e, por fim, o conceito de pós-história e de ‘fim da história’ (POSSENTI, 2004, 11)².

A tudo isso se ajunte a crise do sentido, ligada à perda da capacidade de se ver o todo da realidade. Se tais características por muito tempo geraram temor e repulsão, hoje não faltam aqueles que as cultivam como uma marca de leveza, da qual não há motivo para se envergonhar³.

A produção filosófica dita pós-moderna, segundo Possenti, vem assim marcada indelevelmente por vários niilismos: teórico, antropológico, ético, religioso, cujo denominador comum seria o esvaziamento do conceito de verdade. Assim considerado, o espectro do niilismo é capaz de encobrir com sua sombra todas as dimensões da realidade.

² Em todas as citações literais, a tradução é sempre do autor.

³ Veja-se, por exemplo, Gianni Vattimo, propagador do *pensiero debole*, visado diretamente pelas críticas de Possenti.

Segundo Kant, as tarefas da Filosofia poderiam ser indicadas a partir das célebres questões: *Que posso saber? Que devo fazer? Que me é permitido esperar? Que é o homem?* Ora, se se quiser ter uma idéia da abrangência do niilismo, pode-se averiguar a resposta que se tem dado ultimamente a tais questões kantianas (POSSENTI, 2001, 8-9).

Quanto à primeira, a objeção niilista afirma: nada ou quase nada se pode conhecer, já que para tal supõe-se a idéia de verdade, que não passa de uma ilusão, como afirmara Nietzsche: “Que não exista uma verdade; que não exista uma constituição absoluta das coisas, uma ‘coisa em si’ – isso mesmo é um niilismo, é um niilismo extremo” (NIETZSCHE, 1986, 12).

Quanto ao que se deve fazer, ou seja, à problemática ética, na cosmovisão niilista não existe objetivamente nem bem nem mal; não há uma regra moral, um ideal a se alcançar. O bem para cada um é o objeto de seu desejo atual.

Quanto à esfera do que se pode esperar – que para Kant marcava o âmbito religioso – responde-se que não há transcendência, só existe o imanente. Deus está morto e, com ele, toda esperança. Nada se pode esperar para além do limite da morte – é o secularismo radical.

Por fim, a respeito do homem, porta-voz do niilismo é Foucault que, ao fim de seu *As palavras e as coisas*, afirma: “O homem é uma invenção da qual a arqueologia do nosso pensamento rapidamente mostra a data recente. E talvez o fim próximo” (FOUCAULT, 1967, 414). O grau máximo do niilismo é o anti-humanismo.

Assim apresentado, o niilismo se faz notar em seus sintomas mais difusos. Há, contudo, uma raiz ainda mais profunda que os sustenta: “*Niilismo não é para nós em primeiro lugar o evento pelo qual os valores supremos se desvalorizam ou o anúncio de que ‘Deus está morto’, mas o esquecimento do ser, a crise da idéia de verdade, o abandono dos imutáveis, a paralisia do sentido*” (POSSENTI, 2004, 15).

Sobretudo o niilismo é um obscurecimento do ser e, conseqüentemente, da verdade do ser. Tal é a natureza do niilismo teórico. Cria-se um abismo intransponível entre o intelecto e o ser dos entes. Nadifica-se a verdade abandonando o conhecimento real, de modo que a liberdade contemplativa para o verdadeiro, reivindicada pelos filósofos antigos, vê-se substituída pela vontade de poder ou de utilidade pragmática. Nega-se a possibilidade de relação entre pensamento e ser, entre consciência e mundo exterior e se deixa de lado como infundada a verdade enquanto *adaequatio rei et intellectus*. A verdade passa a ser entendida como fruto do consenso (Habermas) ou da interpretação (hermenêutica) ou da utilidade

(pragmatismo). Desse modo, Possenti opõe frontalmente realismo onto-gnoseológico de um lado e niilismo teorético de outro:

(...) a medida última do pensamento é constituída por aquilo diante do qual ele existe. Existir diante do ser, fundando-se transparentemente em seu conhecimento, é realismo; o seu contrário é niilismo teorético (...). O niilismo especulativo será aqui por isso compreendido na sua relação de negação para com o realismo (POSSENTI, 2004, 33).

Se não há possibilidade de se conhecer a verdade, a Filosofia também perde sua razão de ser ou vê-se limitada a desenvolver uma reflexão sem pretensões de validade e sentido, tornando-se apenas discurso edificante, um paliativo para o homem defrontado com o absurdo. Nesse caso, a Filosofia não passaria de um gênero literário – aquele hermenêutico, em que pensar não significa formar um juízo sobre algo, mas proceder a intermináveis interpretações de textos e contextos – que não precisa ser levado muito a sério e não traria nenhum contributo efetivo à vida humana⁴. De outra parte, a Filosofia poderia ainda tomar o posto de uma ciência das ciências, uma reflexão sobre os procedimentos, limites e alcances das várias ciências naturais e sociais. Tatar-se-ia pois de um *saber lunar*, sem luz própria, como afirmou Habermas: “Os conceitos fundamentais da Filosofia não formam mais uma linguagem independente (e muito menos um sistema que possa assimilar a si todo o resto), mas representam muito mais os instrumentos para apropriar-se reconstrutivamente dos conhecimentos científicos (HABERMAS, 1996, 3). Tendo resolutamente deixado de ser *ancilla theologiae*, a Filosofia passa a *ancilla scientiarum*.

Outro aspecto do banimento do ser na cultura niilista contemporânea, segundo Possenti, é a exclusão do eterno. Há umnexo estreito entre o esquecimento do ser e o esquecimento do eterno: quando se limita o ser dentro da moldura do tempo, como fez Heidegger, temporaliza-se igualmente a verdade e o movimento sem porquê do devir se torna a única realidade absoluta. Afirma Possenti: “Porque se assume que o tempo pertença à essência do ser, este aparece necessariamente finito, em devir, inteiramente sujeito à dialética vida-morte” (2001, 42). Opera-se desse modo uma mudança no conceito de ser: ser, no sentido mais elevado, não mais significa *ser sempre*, mas apenas existir de modo finito e temporalmente limitado e, por isso, *ser-para-a-morte*. Ora, reside aqui um dado tristemente curioso do niilismo que é sua tendência para absolutizar a morte, não o evento da morte em si, que é na verdade descurado como uma banalidade biológica, mas seu significado de aniquilação (o não-ser, o cessar de

⁴ Possenti enumera entre os que se alinhariam a esta visão Derrida, Foucault, Rorty e Vattimo (2004, 35). Poder-se-ia ainda acrescentar Deleuze.

ser). Daqui se chega à morte de Deus, proclamada por Nietzsche, à banalização da violência e do sofrimento e até mesmo ao suicídio, tido como expressão máxima de um culto ao nada, da ausência de sentido e de uma busca desenfreada de autonomia radical.

Diante de tudo isso, como fica a Metafísica? Não se concebe, dentro da visão pós-moderna e niilista, que seja plausível ocupar-se com o todo do real e muito menos com seu fundamento. Ora, Metafísica é orientação para o ser dos entes, ao enalço de seu sentido. No dizer de Possenti, “Metafísica é *theoria*, isto é orientação ao ser, ao real, ao mundo, com finalidade contemplativo-cognoscitiva, sem intentos de dominação ou manipulação, mas somente para acolher em si a realidade assim como se dá” (2004, 41).

Há, pois, certamente, uma crise do pensamento metafísico na era do niilismo. Se o homem não pode alcançar o ser e o verdadeiro, o que passa a dominar é o chamado *contextualismo*, assim definido por Possenti: “rigorosa delimitação de toda pretensão cognoscitiva ao contexto histórico, social, lingüístico, étnico, no sentido de que a verdade é a intersubjetividade de um acordo sustentável exclusivamente dentro de determinados mundos lingüísticos e culturais” (2004, 41). Com isso se podem produzir, no máximo, descrições e interpretações mais ou menos verossímeis do mundo da finitude, mas não um discurso sobre o sentido e o fundamento. Mas isso poderia satisfazer o homem? Não o levaria apenas a um desespero claustrofóbico devido aos apertados limites de seu confinamento intramundano?

2. Para além do niilismo: a Terceira Navegação

Não é absurda, segundo Possenti, a proposição de uma Filosofia em sentido estrito e próprio: não como mera visão de mundo, mas como sabedoria do ser. Para alcançá-la, pode-se partir da consideração da história das concepções de ser. Não se quer aqui concordar com Heidegger e sua afirmação da Metafísica como história do ser, o qual foi por ele confinado aos limites da temporalidade e do esquecimento. Trata-se de percorrer o caminho da pergunta pelo ser e da contínua descoberta de seu sentido, ou seja, um lento aproximar-se ao mistério do ser⁵.

Desse modo, podem-se encontrar três momentos, três navegações que lhe aprofundam o conhecimento. O termo *navegação* é utilizado a partir da metáfora náutica introduzida por Platão (*Fédon*, 96a; 97c—99d), que distingue entre *primeira navegação*, realizada pelos marinheiros pela força do vento que sopra nas velas e impulsiona o barco, e *segunda*

⁵ “O renascimento da metafísica é possível se a pergunta sobre o ser e sobre a existência retomar seu lugar primeiro (...). Começar pelo ser significa que ele é a realidade mais elevada” (POSSENTI, 1995, 12).

navegação empreendida a remo e, portanto, com mais esforço e dificuldade. Platão aplica essa imagem ao desenvolvimento da Filosofia: primeiramente os pré-socráticos se lançaram ao encaicho dos fundamentos da *physis*, ao vento das causas sensíveis. Depois, o mesmo Platão iniciou um segundo movimento de busca das causas supra-sensíveis do real com sua teoria das idéias e dos princípios, embrião da Metafísica. Nessa mesma via ingressou Aristóteles, alcançando grandes progressos. A *terceira navegação*, um novo começo desde novas bases, teria se iniciado, segundo Possenti, com Tomás de Aquino, no século XIII, com sua metafísica do ato de ser.

A Filosofia do Ser (*Seinsphilosophie*) é, assim, uma grandiosa tradição intelectual que vem em parte da inspiração dos gregos (Platão e Aristóteles), tem como iniciador propriamente dito e expoente de primeira grandeza Tomás de Aquino, e chega aos tempos atuais com nomes como Maritain, Gilson, Fabro, Rousselot, Lonergan, entre outros. Certamente, o próprio Possenti poderia ser enumerado entre seus representantes. Qual seria seu escopo? Manter viva a indagação a respeito do ser dos entes, sua verdade e seu sentido, indagação esta cujas respostas são possíveis e necessárias ao espírito humano.

Entre os temas próprios desta tradição propriamente metafísica, Possenti enumera:

(...) a questão do ser e do seu conhecimento, a poderosa dialética especulativa intrínseca ao complexo *ens-essentia-esse*, a tematização da diferença ontológica *ens-esse*, a distinção real nos entes finitos entre essência e existência, e a capital doutrina do ser como *actus essendi*... Neste quadro se inscreve a retomada da teologia filosófica, onde segundo a filosofia do ser o mais alto nome de Deus atingível racionalmente soa como *ipsum Esse per se subsistens* (POSSENTI, 2001, 78-79).

E Possenti completa: “Desta área de pensamento parece advinda a maior e mais fecunda capacidade de superação do niilismo” (POSSENTI, 2001, 79). Isto porque a mais radical diferença ontológica não é aquela postulada por Heidegger entre ser e ente, mas entre o *ser/existir* e o *nada absoluto*. Para se contrapor ao nada, somente a redescoberta do ser.

Com efeito, o que distingue Tomás de Aquino em relação aos gregos é principalmente seu *conceito intensivo de ser*. O ser (*esse*) é entendido sempre como ato perfectivo, que tira a essência do campo da simples possibilidade e lhe dá efetividade. “Com a referência a tal ato maximamente real e universal toca-se a raiz da realidade no seu vitorioso subtrair-se à insídia do nada” (POSSENTI, 2004, 355). Assim, o binômio potência-ato encontra sua aplicação mais pertinente na relação essência-ser. Daqui brota uma nova arrancada da Filosofia, uma Metafísica original, de cunho verdadeiramente existencial, para além da matriz grega, já que engloba também aportes advindos da Revelação judaico-cristã. Com efeito, o ato de ser não

brota da própria essência, mas vem de fora, de outro, daquele que simples e absolutamente é: *Ego sum qui sum* (Ex 3, 14), Causa primeira e suma do todo do real. Aqui está o que Gilson chamou de *metafísica do Êxodo*, que se desdobra nos conceitos de participação e analogia.

A terceira navegação fundamenta a relação entre ser e agir (*agere sequitur esse*), de modo que a vida feliz possa ser atingível mediante uma práxis orientada pela verdade do ser, e assim a sabedoria de viver, aspiração dos antigos filósofos, continua inspirando a união entre aprofundamento cognoscitivo, integridade de vida e fineza do humano. É pois a própria esfera ética que reclama uma metafísica que a sustente, quando propõe a discussão de conceitos como o mal, o bem, o eterno, a liberdade, o valor.

A partir de todas essas características, pode-se afirmar com Possenti que a Filosofia do Ser permite ultrapassar a cólera contra a razão e o enclausuramento na própria finitude que o niilismo traz consigo:

Abandonando a cólera contra a razão, devemos realizar a passagem de uma filosofia narcisista àquela que pratica a auto-estima: se o narcisista faz girar tudo em volta de si mesmo e quer somente receber, o sujeito dotado de auto-estima se relaciona com o outro e conhece a coragem da abertura. A filosofia futura será tanto mais autêntica quanto mais conseguir descentrar-se (...). A luz vem para ela do objeto e do outro: do ser, de Deus, da liberdade, do amor (...). A abertura à existência, ou seja, a atitude existencial não é algo de irracional; mais que tudo alude a uma dimensão fundamental da razão (...). (POSSENTI, 2001, 84-85).

Por fim, venha ressaltado que, para Possenti, o futuro pós-niilístico é entendido como aliança entre Filosofia do Ser e Revelação judaico-cristã, que permite afirmar em Deus a união entre o Ser e o Amor, entre Verdade e Bem: a mais alta forma de ser é o ser como dom e afeição e aí se encontra a verdade, personificada em Cristo (POSSENTI, 2001, 86-88).

Certamente, pode-se levantar muitas objeções à postura de Possenti que parece apenas reeditar Tomás de Aquino e propô-lo ao atual cenário filosófico, o que seria no mínimo totalmente anacrônico. Além disso, parece que ele apresenta um sistema fechado de explicação da realidade, o que vem rejeitado desde Hegel. Ainda, não seria sua proposta uma cripto-teologia querendo imiscuir-se no campo filosófico?

O próprio Possenti parece oferecer respostas a tais questionamentos. Primeiramente, afirma ele que sua tentativa é de retomada de uma tradição. Retomar uma questão significa reassumi-la para fazer emergir suas virtualidades ainda inexpressas. Trata-se de uma nova partida, não de um começo totalmente novo, mas reassunção discernente de quanto foi validamente pensado. No caso, busca-se retomar a questão pelo ser, um novo consentimento ao ser, um novo arranque da Filosofia do Ser nos novos contextos histórico-culturais (POSSENTI, 2004, 359).

Quanto ao fechamento e à rigidez que alguns podem ver na proposta possentiana, o autor responde que a Terceira Navegação se apresenta como uma chave de leitura que assegura a compreensibilidade do todo, mas que deixa abertos imensos campos de pesquisa, nos âmbitos variados da existência:

Isto lhe provém da percepção da energia sempre nova com a qual os sujeitos individuais exercitam o ato de existir e entram em relação consigo mesmos e com os outros na torrente da vida universal. Consequentemente, a doutrina da terceira navegação, dotada de organicidade e diferenciação interna, é suscetível de integrações e desenvolvimentos não contra mas em harmonia com as próprias intuições regentes (POSSENTI, 2004, 368).

Quanto ao terceiro ponto, malgrado a tendência contemporânea de aprofundar cada vez mais o abismo entre fé e razão, entre conhecimento racional e assentimento fiducial, entre Religião e Filosofia, Possenti afirma não lhe constar razões que justifiquem que a Filosofia possa desenvolver-se apenas afastando de si qualquer elemento não-filosófico ou pré-filosófico, inclusive aquele religioso. No caso concreto do Cristianismo, a exemplificação histórica do estímulo dele advindo para o pensar filosófico não é difícil de apresentar. Já para Aristóteles, a Metafísica atingia seu ápice como teologia racional. Razão e fé só têm a ganhar com uma relação feita de autonomia e cooperação mútuas: “no diálogo entre razão e fé, a segunda não faz violência à primeira, mas pode saná-la de suas debilidades e conduzi-la a ser mais autenticamente si mesma” (POSSENTI, 2004, 372).

Conclusão

Até quando a noite do niilismo? Até quando o desencantamento do mundo? Tais perguntas indagam sobre o retorno ao conhecimento do ser, sobre a possibilidade de sua acolhida e percepção, para além de seu esquecimento.

Para Possenti, com a Terceira Navegação, a Filosofia pode ser salva, em linha de princípio, do obscurecimento do ser e a *Seinsphilosophie*, encontrando um lugar próprio no cenário filosófico, apresenta-se como a casa comum do pensamento humano que pode recolher quanto de válido é oferecido em tantas correntes filosóficas, no sentido de uma *philosophia perennis*, em contínuo desenvolvimento. A partir disso, transparece a transculturalidade da Metafísica, entendida como o “incondicionamento social do pensamento no conhecimento metafísico do ser”, em virtude do fato pelo qual na relação

intencional da inteligência com o ser as colorações culturais e étnicas, ainda que fortes, podem desenvolver um papel acidental” (POSSENTI, 2004, 361).

A Metafísica, que parecia a muitos já bem morta, permanece assim viva e capaz de produzir novas aproximações ao mistério do ser que sobrepuja o nada.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, M. **Le parole e le cose**. Milano: Rizzoli, 1967.

HABERMAS, J. **Fatti e norme**. Milano: Guerini, 1996.

NIETZSCHE, F. **Frammenti postumi**. Tomo II. Milano: Adelphi, 1986.

POSSENTI, V. **Aprossimazioni all’essere: Scritti di Metafisica e Morale**. Padova: Il Poligrafo, 1995.

_____. **La Filosofia dopo il nichilismo**. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2001.

_____. **Nichilismo e Metafisica: Terza Navigazione**. Roma: Armando, 2004.